

A CARECA DE ELISEU, OS MOLEQUES E AS URSAS

Cássio Murilo Dias da Silva

Este ensaio de exegese apresenta uma nova interpretação para o estranho episódio do ciclo de Eliseu (2Rs 2-13), no qual esse profeta – por vezes também chamado “homem de Deus”¹ – amaldiçoa quem dele ridiculariza. Assim 2Rs 2,23-25 narra o fato:

²³ E subiu de lá para Betel. Enquanto subia pelo caminho, alguns rapazinhos saíram da cidade e começaram a caçoar dele dizendo-lhe: “Sobe, careca!”²⁴ Ele voltou-se e encarou-os e amaldiçoou-os em nome de YHWH. Então duas ursas saíram do bosque e os despedaçaram, quarenta e dois moleques.²⁵ E (Eliseu) foi de lá para o monte Carmelo, e de lá voltou para Samaria.

A primeira pergunta que o leitor cristão se faz é sobre a moralidade da atitude de Eliseu, o homem de Deus. De fato, ela contrasta violentamente com o ensinamento de Cristo: “abençoi quem vos amaldiçoa” (Lc 6,28). Nas notas de rodapé, algumas edições da Bíblia explicam o episódio da seguinte maneira: o poder divino de Eliseu pode voltar-se contra quem despreza o homem de Deus².

¹ Neste artigo, estes termos serão usados indistintamente, tal como parece ser no ciclo de Eliseu. Para uma discussão sobre a diferença entre eles, bem como sobre outros termos que designam os mediadores proféticos, cf. J.L. SICRE, *Profetismo em Israel*, Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 74-92.

² Assim, p.ex., *A Bíblia de Jerusalém e Tradução Ecumênica da Bíblia*.

Esta explicação tem seu aspecto de verdade, mas só ela não basta e também não permite responder a outras questões:

- Por que o redator deuteronomista encaixa o episódio em uma viagem de Eliseu?
- Por que chamar de “careca” o homem de Deus é tão ofensivo, a ponto de suscitar nele uma reação tão violenta?
- O homem de Deus tinha autorização para amaldiçoar “em nome de YHWH”?
- Como apenas *duas* ursos conseguiram destroçar *quarenta e dois* moleques?
- Por que o relato em questão é encaixado exatamente aqui no ciclo de Eliseu?

A interpretação apresentada a seguir tentará responder a essas questões. Ela tem dois pressupostos: o episódio é um relato (a) simbólico cuja redação final (b) data do período exílico (ou pós-exílico)³.

Eliseu põe o pé na estrada

O percurso completo feito por Eliseu é tortuoso: após ter sanado a fonte de águas salobras em Jericó, o homem de Deus sobe para Betel e de lá para o Carmelo e depois para Samaria. Exceto Jericó, todas as localidades citadas estão no reino do norte. Mas não só. Betel, o Carmelo e Samaria são três localidades fortemente vinculadas à vida religiosa e política do reino do norte: Betel, um dos santuários reativados por Jeroboão, mas condenado por um anônimo homem de Deus (1Rs 13,1-10); o Carmelo, local do ordálio de Elias contra os profetas e as profetisas de Baal durante a longa seca (1Rs 18,20-46); Samaria, a capital do reino do norte, construída por Omri (1Rs 16, 24) e sede da maioria dos reis contra os quais homens enviados por YHWH profetizaram. Todos esses lugares foram palcos de atuação de homens de Deus e de profetas e, portanto, cenários em que se comprovaram a autoridade dos mensageiros que YHWH enviou para corrigir o rumo escolhido pelos monarcas do Israel do norte.

Mas Eliseu sai de Jericó, cidade da Judéia, uma das cidades-símbolo da conquista da terra de Canaã. Em Js 5,13-6,27, a tomada de Jericó é narrada como uma procissão litúrgica, e não como um assalto militar. No livro de Josué, a conquista de Canaã é garantida pelo próprio YHWH em resposta à

³ Para as teorias sobre a redação da Obra Histórica Deuteronomista, cf., p.ex., A. GONZÁLEZ LAMADRID, “A história deuteronomista e o Deuterônomo”, in J.M. SÁNCHEZ CARO (org.), *História, Narrativa, Apocalíptica* = Introdução ao Estudo da Bíblia n° 3b, São Paulo: Ave Maria, 2004, pp. 15-186, aqui pp. 25-30.

fidelidade do povo. De fato, durante a tomada de Jericó, bastou a desobediência de um só ao voto de interdito para que os filhos de Israel fossem derrotados diante de Hai (Js 7,1-5). Em outras palavras, também Jericó é ambiente simbólico: a fidelidade às determinações de YHWH garante a vida e a vitória. Não é por nada que, em 2Rs 2,19-22, os habitantes de Jericó suplicam a Eliseu e este, pronunciando uma bênção em nome de YHWH, sana a fonte de águas salobras.

Por outro lado, deve-se notar que agora Eliseu repete parcialmente e de modo inverso o percurso que há pouco havia trilhado com Elias: Guilgal — Betel — Jericó — Jordão (2Rs 2,1-8); Jordão — Jericó — Betel — Carmelo — Samaria (2Rs 2,13-25).

A careca de Eliseu

Os moleques de Betel gritam a Eliseu “*‘aleh qereah, ‘aleh qereah*”, frase normalmente traduzida por “Sobe, careca! Sobe, careca!”. A resposta do homem de Deus a tal zombaria é violenta demais para crer que aqueles indivíduos estivessem simplesmente se referindo a uma calvície natural de Eliseu.

O termo hebraico *qereah* deriva do verbo *qrh*, “rapar a cabeça, cortar careca”. Pode indicar, portanto, não a escassez de cabelos, mas aquela calvície resultante da raspagem da cabeça, isto é, uma tonsura⁴.

Com efeito, em 1Rs 20,35-43, em uma insólita ação simbólica, um profeta anônimo enfaixa a cabeça para tornar-se irreconhecível diante de Acab. O rei é instigado a dar um veredicto, após o que o profeta retira o pano que lhe cobria a cabeça e o rei então percebe que se trata de um profeta. Para a maioria dos comentadores, este imediato reconhecimento da parte do rei comprova que os profetas portavam na cabeça algum sinal distintivo, provavelmente uma tonsura. É bem provável que de fato assim fosse. Por conseguinte, em 2Rs 2,23-25, os rapazinhos de Betel não zombam de Eliseu por ele já ter uma rala cabeleira, mas sim por causa do sinal que o identifica como mensageiro de YHWH. Em outras palavras, eles ofendem o profeta enquanto tal e no exercício de seu ministério.

A maldição em nome de YHWH

Sem dúvida, Eliseu não é o primeiro nem o único homem de Deus ou profeta a, em nome de YHWH, rogar uma praga em quem o desafia ou

⁴ Esta interpretação, de fato, alcançou o consenso da maioria dos comentadores.

impede de exercer sua missão, tal como se lê em 1Rs 13,2-5; 17,1; 21,21-24; Am 7,17. Há duas diferenças básicas entre a maldição imprecada por Eliseu e aquelas descritas nesses textos: não é transcrito o conteúdo da maldição e, não obstante, ela se realiza imediatamente. Nos demais casos citados, sabe-se o que o profeta invoca sobre o amaldiçoado, mas a realização (total ou parcial) ainda vai demorar. Por outro lado, há também semelhanças: o motivo da maldição está ligado à fidelidade a YHWH que se reflete no respeito às mediações (o templo de Jerusalém) e aos mediadores (os profetas).

Embora não se encontre no Deuteronômio nenhuma maldição que fale de destruição pelas feras do campo, em documentos contemporâneos ao redator deuteronomista há maldições de tratado que invocam tal tipo de destruição sobre quem romper o pacto. Tal é o caso dos tratados de Safira:

Que os deuses mandem todo tipo de devorador contra Arpad e contra seu povo: que os devorem a boca da serpente, a boca do escorpião, a boca do urso, a boca da pantera.

Que (os devorem) a boca de um leão e a boca de um [...] e a boca de uma pantera...⁵

Analogamente, em um dos tratados de Assaradon se lê:

Que debaixo de teus próprios olhos, cães e porcos arranquem as mamas de tuas jovens mulheres e o pênis de teus jovens homens, aqui e ali, nas praças de Assur; que a terra não receba vossos cadáveres, mas que tua sepultura seja o ventre de um cão ou de um porco!⁶

Em Dt 28 encontram-se várias maldições análogas, mas nenhuma cita feras, e sim somente gafanhoto (v.38), verme (v.39) e insetos (v.42). Não obstante, Dt 32,24 fala de “dentes de feras”.

Em vários textos proféticos, feras e animais peçonhentos servem de metáfora para os inimigos de Judá e, eventualmente, para o próprio YHWH: Is 5,29-30; 7,18; 14,29; 15,9; 56,9; Jr 2,14-15; 4,7; 5,6; 8,17; 12,9; 48,40; 49,19.22; 50,44; Os 1,8; 5,14; 13,7-8; cf. também Lm 3,10-11 e Lv 26,22. Inversamente, a bênção pode incluir o afastamento das feras: Is 35,9 e Os 2,20.

Em resumo, embora 2Rs 2,24 não transcreva as palavras com as quais Eliseu amaldiçoa os moleques de Betel, a destruição pelas ursos remete o leitor a um tipo de maldição presente em documentos de aliança do An-

⁵ Tratados de Safira I A 30-32 e II A 9, citados por D.R. HILLERS, *Treaty-Curses and the Old Testament Prophets* = *Biblica et Orientalia* n° 16, Roma: PIB, 1964, pp. 54-55.

⁶ Tratado de Assaradon com príncipes seus vassallos, transcrito em J. BRIEND / R. LEBRUN / E. PUECH (orgs.), *Tratados e juramentos no Antigo Oriente Próximo* = *Documentos do mundo da Bíblia* n° 12, São Paulo: Paulus, 1998, p. 91.

tigo Oriente Próximo e em textos proféticos da Bíblia Hebraica. Todavia, o leitor deveria ficar intrigado pelo fato de serem ursas e não algum animal mais freqüente como o leão ou a pantera.

Em dois dos textos citados, o urso ou a urso⁷ é figura do próprio YHWH. Ambos os textos referem-se à destruição do país: Os 13,7-8, o Israel do norte; Lm 3,10-11, Judá e Jerusalém. Mas em 2Rs 2,24 fala-se de *duas* ursas, o que torna difícil considerar que tais feras sejam figuras do próprio YHWH. Mais provavelmente, simbolizem os inimigos do povo de YHWH, o que ressalta, por outro lado, a referência à destruição do país.

Os moleques

Quarenta e dois é um número intrigante. Duas são as razões.

Em primeiro lugar porque se trata de um elevado número de indivíduos destroçados por apenas duas ursas. O urso de Israel era um animal marrom e de estatura baixa. Como apenas duas ursas destroçaram tantos rapazes? Elas foram muito ágeis ou eles ficaram ali esperando na fila, cada um aguardando sua própria vez de ser despedaçado? Por que não fugiram?

Poder-se-ia argumentar que o verbo *bq'* pode significar "dividir, desbaratar": as ursas teriam, portanto, afugentado os moleques, que fugiram para todos os cantos. No entanto, esta interpretação abranda por demais o episódio e não leva em consideração o fato de que 2Rs 2,24 utiliza *bq'* na conjugação reforçativa *Piel*, usada para descrever uma ação realizada com força ou com violência, cujo resultado é o destroçamento de alguma coisa (Gn 22,3; 1Sm 6,14; Sl 78,15; Hb 3,9; 2Rs 8,12; 15,16; Is 59,5; Jó 28,10; Ez 13,11.13; Os 13,8). Além disso, aplicado a animais selvagens, *bq'* tem o sentido de "destroçar, despedaçar" (Os 13,8). E mais, por qual motivo os rapazes fugiriam separados ("desbaratados") e não todos juntos?

Segundo, em lugar de um número redondo, como o consagrado quarenta, o redator deuteronomista faz questão de dar um número exato: quarenta e dois. Por quê?

Os comentadores sugerem que o número não-redondo acrescenta um ar de realismo ou de exatidão à história, ao mesmo tempo recordam que quarenta e dois é o número das vítimas de Jeú em 2Rs 10,14 e sugerem alguma nuance apocalíptica, dado que em Dn 7,25; Ap 11,2; 13,5 a perseguição ou

⁷ A palavra hebraica *dób* é tida como de gênero feminino em 2Rs 2,24, mas de gênero indeterminado em Lm 3,10.

o domínio da besta dura quarenta e dois meses⁸. Cumpre, pois, avaliar criticamente tudo isso.

A explicação de que o número não-redondo dá realismo à história é genérica demais e não oferece nenhum ponto de referência para se interpretar o episódio. É o mesmo que afirmar que quarenta e dois equivale a um número indeterminado de vítimas.

O vínculo entre 2Rs 2,24 e Daniel e Apocalipse parece perigoso, pois pode induzir a um anacronismo e levar a pensar que o deuteronomista já tivesse, no mínimo, influências de alguma forma de apocalíptica. Além disso, a transposição de um número de vítimas para um número de meses (ou vice-versa) oferece um caminho tortuoso demais para se interpretar o significado de quarenta e dois.

Por outro lado, a referência ao relato de um dos massacres promovidos por Jeú apresenta-se como algo interessante. Sem dúvida, quarenta e dois é uma cifra comum a 2Rs 2,23-25 e 2Rs 10,12-14. Mas não só. Em ambos os episódios, a morte de quarenta e duas pessoas decorrem (direta ou indiretamente) de uma palavra de Eliseu: ele profere a maldição e logo as duas ursas saem do bosque; ele ordena a um discípulo ungir Jeú rei, e este iniciará uma série de extermínios.

Não é impossível que o deuteronomista tenha de fato vinculado os dois relatos. Todavia, mesmo os comentadores que consideram o número quarenta e dois um ligame entre os dois episódios não fazem mais do que aludir a esse fato, sem dele tirar nenhuma conclusão para a interpretação do relato do massacre dos moleques de Betel.

A cifra “quarenta e dois”, sem dúvida, é simbólica. Mas... símbolo de quê?

Um pequeno exercício de matemática pode oferecer a chave para o mistério. No período da monarquia unida, o povo de YHWH teve *três* reis: Saul, Davi e Salomão. Após a divisão dos dois reinos irmãos, o norte, em seus duzentos e dez anos de existência, teve *dezenove* reis. O sul, por sua vez, conheceu *vinte* reis desde o cisma até o exílio. O redator deuteronomista do tempo do exílio faz as contas: $3 + 19 + 20 = 42!$

Quarenta e dois reis, quarenta e dois moleques sobre o trono de Israel e de Judá⁹!

⁸ Cf., p.ex., J.A. MONTGOMERY / H.S. GEHMAN, *Kings* = International Critical Commentary, Edinburgh: T. & T. Clark, 1951, p. 356; J. GRAY, *I & II Kings* = Old Testament Library, London: SCM, 1970, p. 480; A. ŠANDA, *Das Zweite Buch der Könige* = Exegetisches Handbuch zum Alten Testament, Münster: Aschendorff, 1911, p. 15.

⁹ Como é fácil perceber, nesta contagem, o deuteronomista não considera Atalia como legítima rainha, não obstante ela tenha reinado por seis anos em Jerusalém. Isso transparece claramente em 2Rs 11: falta o típico formulário deuteronomista de apresentação dos reis, bem como a datação do período em que Atalia esteve à frente de Judá. Uma interessante discussão sobre o reinado de Atalia é apresentada por R.C. LÓ, *Atalia*,

No caso do massacre de Jeú, o deuteronomista afirma explicitamente que se trata de quarenta e dois “irmãos de Ocozias” (2Rs 10,13), isto é, membros da realeza.

Em ambos os casos, portanto, quarenta e dois indica monarquia: toda a monarquia, do reino unido aos dois reinos, em 2Rs 2,24; do reino do sul, em 2Rs 10,14¹⁰.

Quanto ao episódio ora estudado, pode parecer estranho equiparar Davi, Salomão, Ezequias e Josias a todos os demais trinta e oito monarcas. No entanto, o deuteronomista não faz um juízo sobre os reis individualmente, e sim sobre a monarquia como um todo: do jeito como os reis se comportaram, foi uma grande e catastrófica molecagem!

Montando o quebra-cabeça

2Rs 2,24-25 é um episódio simbólico, colocado no início da atividade de Eliseu. Na cronologia dos reis do reino do norte, o capítulo 2 de 2Rs está inserido entre a morte de Ocozias e o início do reinado de Jorão. Ocozias morreu em conflito com Elias (2Rs 1); Jorão é assassinado por Jeú, durante o golpe de estado instigado por Eliseu (2Rs 9). Em ambos os casos, a derrocada dos reis decorre de uma palavra do profeta de YHWH¹¹.

De fato, como homem de Deus e sucessor de Elias, Eliseu representa o conjunto dos profetas, cujas palavras são confirmadas pelo próprio YHWH. Esta parece ser a função narrativa do episódio das fontes salobras e dos subsequentes episódios protagonizados por Eliseu. Trata-se, na sua maioria, de “lendas breves”, nas quais o profeta exerce uma atividade taumatúrgica¹².

rainha de Judá. Leitura exegética e histórica de 2Reis 11,1-3.13-16, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2006 (dissertação de mestrado não-publicada). Cf. também, N.K. GOTTWALD, *The Politics of Ancient Israel* = Library of Ancient Israel, Louisville: Westminster John Knox, 2001, pp. 272-273.

¹⁰ Nos textos apocalípticos citados, quarenta e dois são os meses de domínio de um opressor. É necessário, pois, evitar uma aplicação mecânica, uma vez que em Reis, quarenta e dois é o número de indivíduos destruídos, enquanto na apocalíptica é o número do tempo do destruidor.

¹¹ A cronologia do ciclo de Eliseu é estranha. Nos capítulos 3 a 8 de 2Rs, vários episódios dão a entender que o rei de Israel tem um bom relacionamento com Eliseu. Mas o único relato em que o nome do rei aparece é o da guerra contra Moab (3,4-27). O rei é Jorão (v. 6) e Eliseu lhe dirige palavras agressivas (v. 13-14). Também no caso do cerco de Samaria (6,24-7,20), o franco antagonismo entre o rei de Israel e Eliseu fazem pensar que o monarca é Jorão. Os demais relatos supõem a amizade entre Eliseu e o rei, o que reflete o período da dinastia de Jeú.

¹² Um minucioso estudo sobre isso encontra-se em A. ROFÉ, *Storie di Profeti* = Biblioteca di storia e storiografia dei tempi biblici, Brescia: Paideia, 1991, pp. 21-36.

As lendas breves têm a finalidade de provocar temor, respeito e admiração. Nessas lendas, não entra em questão se as pessoas agraciadas com um milagre merecem ou não recebê-lo, se têm ou não um comportamento exemplar. A viúva de um dos filhos dos profetas é a única da qual se diz que “temia a Deus” (2Rs 4,1). Nos demais casos, o único mérito dos miraculados não é outro senão o fato de estarem próximos ao homem de Deus e apelarem a ele: ele é uma pessoa sagrada, um mensageiro autorizado, e portanto merece respeito, o mesmo respeito devido a quem o enviou. Isso equivale dizer que a presença do homem de Deus é uma bênção, mas também um perigo.

O episódio dos moleques de Betel oferece um forte contraste. Eles zombam da careca de Eliseu, isto é, zombam da marca que distingue o profeta, ofendem o homem de Deus no exercício de sua atividade. Tal foi a ação dos monarcas de Israel, no balanço geral do redator deuteronomista. Se os quarenta e dois reis de Judá e de Israel tivessem exercido o poder ouvindo a voz dos profetas, a sorte dos dois reinos irmãos teria sido outra. Infelizmente, coube-lhes serem destruídos por duas feras, isto é, Assíria e Babilônia.

Cássio Murilo Dias da Silva, presbítero da Diocese de Jundiaí, SP, doutorou-se em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, com a tese intitulada “*Colui che manda la pioggia sulla faccia della terra*” (2005). É docente na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, desde 2005. Publicou as seguintes obras: *Metodologia de Exegese Bíblica*, São Paulo: Paulinas, 2003 e *Aquele que manda a chuva sobre a face da terra*, São Paulo, Loyola, 2005.

Endereço: Rua Bernardino Martins Filho, 250 — H13 – Jd. Bandeiras 2
13051-103 Campinas – SP
e-mail: kassiomu@yahoo.com.br